

**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO RIO GRANDE DO
NORTE**

MARIA VIOLETA CAVALCANTI ROCHA

**INFLUÊNCIA DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL NOS COSTUMES E NA
CULTURA ALIMENTAR DO RIO GRANDE DO NORTE**

**NATAL
2008**

MARIA VIOLETA CAVALCANTI ROCHA

**INFLUÊNCIA DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL NOS COSTUMES E NA
CULTURA ALIMENTAR DO RIO GRANDE DO NORTE.**

Monografia apresentada ao curso de
Nutrição, da Faculdade Natalense para
o Desenvolvimento do Rio Grande do
Norte, como requisito obrigatório para
obtenção do grau de Nutrição

ORIENTADOR: Nila Patrícia Freire
Pequeno, M.Sc.

CO-ORIENTADOR: Emília Carla de
Almeida Alcides, Prof^a.

NATAL
2008

RP. 31.933

FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg. <u>0001105</u>
<u>17/03/09</u>

612.3(813.2)

R574i

2008

ex-01

Catálogo na Publicação – Biblioteca da FARN
Setor de Processos Técnicos

Rocha, Maria Violeta Cavalcanti
Influência da Escola Doméstica de Natal nos costumes e na cultura alimentar do Rio Grande do Norte / Maria Violeta Cavalcanti Rocha. – Natal: FARN, 2008.
59f.

Orientador: Nila Patrícia Ferreira Pequeno (Msc.)
Monografia (Bacharelado em Nutrição) – Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

1. Hábitos Alimentares - RN – Monografia. 2. Cultura Alimentar – Monografia. 3. Influência Alimentar da Escola – Monografia 4. Escola Doméstica de Natal – Monografia. I. Título.

RN/FARN/BC

CDU 612.3(813.2)

NATAL
8008

MARIA VIOLETA CAVALCANTI ROCHA

**Influência da Escola Doméstica de Natal nos costumes e na cultura alimentar
do Rio Grande do Norte.**

Monografia apresentada ao curso de Nutrição, da Faculdade Natalense para o
Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, aprovada em ____ de ____ de
____, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Nila Patrícia Freire Pequeno, M.Sc.
Orientadora

Emília Carla de Almeida Alcides, Prof^a
Membro Examinador

Bianca Arnoud Rodrigues
Membro Examinador

Dedico este trabalho a memória dos meus pais
Cândido Batista Cavalcanti e Marina Batista
Cavalcanti e aos meus irmãos, Nilo e Maria do
Carmo, minha querida irmã, companheira e
amiga, (In memoriam). Os grandes
incentivadores da minha vida estudantil e
carreira profissional. Que me instruíram com seu
caráter e princípios. Que me faz ser quem hoje
sou.

Tudo posso naquele que me fortalece.
(Bíblia Sagrada, Filipenses, 4:13)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora pois sem suas forças na minha vida não estaria concluindo mais um curso superior, dando-me força, coragem e determinação para vencer e conseguir ser a diferença.

A D. Nilda, minha mestra, professora e amiga (mãe), que a partir dos meus dez anos de idade conheci, uma criatura muito especial, rica de conhecimentos de vida e sensibilidade que, consciente ou inconscientemente, me ajudou a crescer, principalmente para ser a luz no meio de tantas turbulências que existiram pelo caminho, essa luz encontrada nesta Mestre durante minha vida de estudante, profissional e familiar, é a que busco irradiar durante o meu percurso como humana.

Aos meu marido Eurilo que durante todo o percurso me incentivou e ajudou a vencer esta batalha, aos meus filhos e nora pela ajuda e carinho, aos meus irmãos, cunhados(as) e sobrinhos especialmente Clara Gedeões e Tiago que não mediram esforços para me ajudar.

Aos meus orientadores, a Professora Nilda Patrícia e Emília Carla, que foram minhas companheiras nas diferentes fases do curso e do trabalho, pelo constante apoio, incentivo, atenção, disponibilidade, paciência, ensinamento e acima de tudo pela confiança de acreditar que tudo daria certo.

Em fim a todos os professores, funcionários que de alguma forma contribuíram para concretização deste objetivo.

Dedico este trabalho a memória dos meus pais Cândido Batista Cavalcanti e Marina Batista Cavalcanti e aos meus irmãos, Nilo e Maria do Carmo, minha querida irmã, companheira e amiga, (In memoriam). Os grandes incentivadores da minha vida estudantil e carreira profissional. Que me instruíram com seu caráter e princípios. Que me fez ser, o que hoje sou.

RESUMO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora pois sem suas forças na minha vida não estaria concluindo mais um curso superior; dando-me força, coragem e determinação para tentar e conseguir ser a diferença.

A D. Noilde, esta mestra, professora e amiga (mãe) que a partir dos meus dez anos de idade conheci, uma criatura muito especial, rica de conhecimentos de vida e sensibilidade que, consciente ou inconscientemente, me ajudou a crescer, principalmente para ser a luz no meio de tantas turbulências que existiram pelo caminho, esta luz encontrada nesta Mestra durante minha vida de estudante, profissional e familiar, é a que busco irradiar durante o meu percurso como Nutricionista.

Ao meu marido Eurilo que durante todo o percurso me incentivou e ajudou a vencer mais esta batalha, aos meus filhos e noras pela ajuda e carinho, aos meus irmãos, cunhados(as) e sobrinhos especialmente Clara Gertrudes, e Tibério que não mediram esforços para me ajudar.

Aos meus orientadores, a Professora Nila Patrícia e Emilia Carla, que foram minhas companheiras nas diferentes fases do curso e do trabalho, pelo constante apoio, incentivo, atenção, disponibilidade, paciência, ensinamento e acima de tudo, pela confiança de acreditar que tudo daria certo.

Em fim a todos os professores, funcionários que de alguma forma contribuíram para concretização deste objetivo.

Palavras-chave: Nutrição. Hábitos alimentares. Escola Doméstica. Educação Familiar.

RESUMO

A Escola Doméstica de Natal foi fundada em 1914, onde foi a pioneira do ensino doméstico no Brasil, conservando as tradições de sua fundação, com educação do ponto de vista tradicional, tendo como fim primordial A MULHER, no sentido de ter a capacidade de purificar, enaltecer e evoluir com o seu tempo. A Escola Doméstica nasceu diferenciando-se dos colégios católicos. Diante desse contexto por perceber a Escola Doméstica como um modelo pioneiro de educação feminina, onde através de uma prática curricular semeou e difundiu a alimentação e nutrição como ciência, desenvolveu-se a presente pesquisa, cujo objetivo é mostrar, às novas gerações, a importância que a mesma teve na educação e formação da mulher norte-riograndense, no que diz respeito à educação tradicional como também dentro dos princípios e padrões nutricionais e dos hábitos alimentares. Justifica-se a pesquisa, considerando a importância histórica da Escola Doméstica de Natal na formação profissional e humana de várias gerações de mulheres de todo o país e, principalmente, das mulheres norte-riograndenses. Este trabalho foi desenvolvido mediante estudos bibliográfico e documental, bem como através de coleta direta junto a gestores e pessoas que fazem história da instituição, com informações desde a sua criação até os dias atuais, confirmando que a Escola Doméstica de Natal sempre esteve à frente dos padrões convencionais da educação formal de sua época, a qual sempre foi vista pelos estudiosos com uma instituição revolucionária dos padrões, costumes, metodologias e conteúdos didático-pedagógicos da educação. O estudo relata que as alunas da ED sempre se destacam no mundo profissional, social, político e pessoal, não só pela formação acadêmica, mas também pela condução dinâmica, atual e versátil de suas ex-alunas, as quais colocam a instituição como referência do seu sucesso profissional e, principalmente, no que se refere à formação e hábitos nutricionais na família e na sociedade. Observa ainda o estudo que a ED tem sido o marco de referência na reeducação alimentar e comportamental dos valores da mulher no contexto social, político, econômico e cultural da sociedade, ao longo de sua história, cujos valores são referenciados pelas pessoas pesquisadas. A pesquisa conclui que a Escola Doméstica de Natal representa não só para o Rio Grande do Norte, mas para todo o Brasil, uma educação diferenciada, preparando as suas alunas para o mercado de trabalho, seja este no campo universitário, político, empresarial, profissional liberal e no lar. Conclui-se que, onde há uma ex-aluna existe a presença da Escola Doméstica pelo seu dinamismo e desenvoltura. Quando a escola educa uma aluna está educando uma Família.

Palavras-chave: Nutrição. Hábitos alimentares. Escola Doméstica. Educação Feminina.

ABSTRACT

The Domestic School of Natal was founded in 1914, it was a pioneer in the domestic teaching in Brazil keeping the traditions of its foundation, with education from a traditional point of view having the woman as the ultimate focus in the sense of being capable of purifying, praise and developing within its time. The Domestic School started differentiating itself from the Catholic schools. This research was developed based on this context and by perceiving the Domestic School as a pioneer model for feminine education, where through its curriculum spreads food and nutrition as a science, and the objective is to show the new generations the importance of the school in the education and formation of the women of Rio Grande do Norte, according to traditional education as well as based on principles and nutritional standards and eating habits. The research is justified based on the historical importance of the Domestic School of Natal over the human and professional formation of many generations of women from the whole nation and mostly from the state of Rio Grande do Norte. The research was developed based on bibliography and documentation, as well as interviews with people that made the history of the institution, with information from its creation up to now. This work confirms that the Domestic School of Natal was always ahead of the conventional standards of formal education for its time, and was always viewed by scholars as a revolutionary institution from the regular standards, habits, methodologies and didactic teaching contents. The study shows that the female students of the Domestic School always distinguished themselves in the social, political, personal and professional world, not only for their academic education, but also for the dynamic, up to date and modern conduct of their former students that use the institution as a reference for their professional success, specially in the formation of family and society nutritional habits. The study also observes that the Domestic School has been a landmark reference in the eating reeducation and behavior values of women in the society's political, social, economical and cultural context along its history. Their values are a reference to the people researched. The research concludes that the Domestic School of Natal represents not only to the state of Rio Grande do Norte but to Brazil, a differentiated education, preparing its students for the professional market, either at the academic, political, entrepreneurial or domestic areas. We can reach to the conclusion that: where there is a former student, the presence of the Domestic School is felt through her dynamism and easiness. When the school educates a student it's also educating a whole family.

Key words: Nutricion. Nutritional Habits. Domestic School. Feminine Education.

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Contexto e colocação do problema	12
1.2 Caracterização da organização e seu ambiente	14
1.3 Objetivos	15
1.3.1 Geral	15
1.3.2 Específico	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 História da Escola Doméstica de Natal	16
2.2 A Emancipação da Mulher	25
2.3 A Evolução dos Hábitos Alimentares	29
3 ASPÉCTOS METODOLÓGICOS	32
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	34
4.1 Estudo de caso 1	37
4.2 Estudo de caso 2	42
5 Conclusão	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE	52
ANEXOS	54

MOTIVAÇÃO

Ao iniciar este trabalho, buscava responder uma pergunta chave que foi a norteadora de todo o caminho percorrido.

Essa questão, não surgiu apenas no momento em que pensava em fazer o projeto de pesquisa, ela já fazia parte dos meus sonhos desde que eu, aos dez anos de idade, vinda de uma fazenda do interior do Rio Grande do Norte para o internato da Escola Doméstica de Natal, onde convivi por nove anos vivenciado intensamente a vida da escola. Para a minha lúdica compreensão de criança interiorana e infantil, aquela deveria ser uma instituição para moças que estavam prestes a casar-se e não para mim que era a menor do internato, pois na minha casa a minha mãe com toda a sua sapiência, já nos ensinava desde cedo as atividades e tarefas domésticas que sempre fizeram parte da nossa educação.

Eu nunca pensei e nem poderia imaginar que a Escola Doméstica estava à frente dos padrões convencionais da educação formal da sua época, e fazia parte de correntes de pensamentos do início do século, onde a realidade social se mostrava bastante distinta da que conhecemos hoje.

Entender o porque da existência de uma instituição voltada para o ensino de economia doméstica e para a nutrição, moldada em escolas européias, com características tão próprias, levou a um caminho bem interessante e até curioso. Na medida em que foi preciso conhecer o pensamento de uma época sobre a educação, especialmente a feminina, sobre a imagem da mulher e o seu papel na sociedade e na família. A compreensão desse contexto histórico e das transformações sociais que nele tiveram início, possibilitou uma aproximação com o que se estava buscando.

A escola veio responder à necessidade de transformação da educação feminina existente, com vista a proporcionar o desenvolvimento e o que se entendia como "progresso" do país. Era nisso que acreditava o seu idealizador Henrique Castriciano. A família seria o núcleo social onde ocorreriam as primeiras e as principais mudanças na sociedade, a mulher como centro de tudo, era a figura ideal para iniciar essa mudança. Por isso a preocupação com o seu processo educacional, não o que diz respeito apenas à educação doméstica, mas preocupando-se com a formação acadêmica das suas alunas, para transformá-las em formadoras de opiniões.

Neste aspecto, a Escola Doméstica realmente se destaca pelo seu currículo incomum para a época onde o "saber fazer" é o objetivo a ser alcançado por suas alunas.

Se hoje, uma Escola Doméstica causa espanto, pois a retrógrada para o modo de vida contemporânea no Brasil nos anos dez não podiam ser assim pensado, afinal, somente a um século as mulheres tinham alcançado o posto de "rainha do lar," o direito de votar e ser votada, que foi conquista de uma norterio-grandense a primeira mulher a votar foi de Mossoró e a primeira a ser votada foi no Rio Grande do Norte, a Sra. Luiza Alzira Soriano do município de Lajes/RN.

Governar uma família é regular a vida moral e assegurar o funcionamento adequado no meio social. A economia doméstica não se refere somente a prática, mas também na sua parte teórica ela baseia-se sobre os avanços certos e positivos da ciência. Estes benefícios lhe são fornecidos conforme o caso, pelas ciências físicas e naturais ou então pelas ciências morais e políticas.

preparar a juventude feminina brasileira, para participações inteligentes, eficazes e esclarecidas; na vida da família, comunidade, da Pátria e da humanidade, e de modo a atender às exigências da vida moderna, com as suas solicitações objetivas e reais. (LOPES, 1984).

A Escola Doméstica nasceu diferenciando-se das escolas católicas. De acordo com Areias (2002, p.20), começou-se a falar em formação para a cidadania no âmbito da educação feminina, embora inicialmente, para se tratar do casamento e maternidade. Mesmo assim, diante deste contexto "falar em cidadania é deslocar a mulher do âmbito doméstico e ampliar sua participação na vida política, mesmo que indiretamente".

Dessa maneira, a escola foi idealizada e criada pelo poeta e intelectual português Henrique Castelar, onde a mulher deveria ser observada não apenas como um laço enfeitado uma família, nem com a maternidade, nem submissa ao corpo, mas "como uma força ativa, consciente, criadora e criatura, construtora de uma nova família, transformadora de seu ambiente familiar, social e político" (AREIAS, 2000).

O que vemos que o fenômeno educacional nos moldes da Escola Doméstica remete a uma aprendizagem que é também um fenômeno de transformação na convivência e a aprender se dá na transformação estrutural que ocorre a partir da convivência social. Segundo Moraes (2003), "através das experiências, das interações, das trocas de signos, captamos o mundo externo, interagimos com ele, nos transformamos, nos modificamos e evoluímos, ou melhor, co-evoluímos".

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contexto e colocação do problema

A Escola Doméstica de Natal, fundada em 1914, foi a pioneira do ensino doméstico no Brasil, conservando as tradições de sua fundação, educação do ponto de vista tradicional, mas teve como fim primordial a mulher. A mulher no sentido de ter a capacidade de purificar, enaltecer, aprender, conhecer e evoluir com o seu tempo.

A Escola Doméstica “conserva as tradições de sua fundação, inspirada pelo ideal cristão de servir e com o fim precípua de preparar a juventude feminina brasileira, para participações inteligentes, eficazes e esclarecidas, na vida da família, comunidade, da Pátria e da humanidade, e de modo a atender às exigências da vida moderna, com as suas solicitações objetivas e reais, (LOPES, 1964).

A Escola Doméstica nasceu diferenciando-se dos colégios católicos. De acordo com Areias (2002, p.20), começou-se a falar em formação para a cidadania no âmbito da educação feminina, embora timidamente, pois se tratava do casamento à maternidade. Mesmo assim, diante deste contexto “falar em cidadania é deslocar a mulher do âmbito doméstico e aceitar sua participação na vida política, mesmo que indiretamente”.

Dessa maneira, a escola foi idealizada e criada pelo poeta e intelectual potiguar Henrique Castriciano, onde a mulher deveria ser observada não apenas como um belo enfeite de uma família, nem com a maternidade, nem submissa ao cônjuge, mas “como uma força ativa, consciente, criadora e criatura, construtora de uma nova família, transformadora de seu ambiente familiar, social e político” (BARROS, 2000).

Observamos que o fenômeno educacional nos moldes da Escola Doméstica resume-se em uma aprendizagem que é também um fenômeno de transformação na convivência e o aprender se dá na transformação estrutural que ocorre a partir da convivência social. Segundo Moraes (2003), “através das experiências, das interações, das trocas de signos, captamos o mundo externo, interagimos com ele, nos transformamos, nos modificamos e evoluímos, ou melhor, co-evoluímos”.

Nessa expectativa foi que a Escola Doméstica foi pioneira com seu currículo escolar inicial: Cozinha; Cozinha prática; Curso teórico de alimentação; Economia Doméstica, entre outros (SOUZA apud GOMES, 2001) , elaborado desde 1914, que veio introduzir nos moldes educacionais uma ciência que procura despertar nas educandas um papel de transformação, de pertencer a um mundo em evolução e desenvolvimento onde a saúde é fator primordial deste universo (ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1994).

Assim, o seu currículo colocava-à frente do seu tempo, transcendendo as suas barreiras, em busca da realização da melhoria da saúde, através de uma orientação alimentar, maior longevidade, correção do físico e harmonia da ciência alimentar. Atenta aos valores, atitudes e crenças dos grupos a quem a ação se dirige, disseminando e influenciando os aspectos educacionais e sociais da Alimentação e Nutrição muito além das barreiras do RN.

A saúde enquanto questão humana e existencial é uma problemática compartilhada indistintamente por todos os segmentos sociais. Porém as condições de vida e de trabalho qualificam de forma diferenciada a maneira pela qual as classes e seus segmentos pensam, sentem e agem a respeito dela. Isso implica que para todos os grupos, ainda que de forma específica e peculiar, a saúde e a doença envolvem uma complexa interação entre os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais da condição humana e de atribuição de significados (MINAYO, 2004).

Diante desse contexto e por perceber a Escola Doméstica como um modelo pioneiro de educação feminina, onde através de uma prática curricular semeou e difundiu a Alimentação e Nutrição como ciência, surgiram assim, várias indagações: Como esta instituição influenciou os costumes e a cultura alimentar da população do RN? Qual a importância do seu currículo no processo de formação pessoal, profissional, social e de experiência de vida das suas ex-alunas ou ex- professoras no campo da Alimentação ou da Nutrição?

1.2 Caracterização da organização e seu ambiente

As sementes para o início desta pesquisa foram plantadas no decorrer da disciplina Introdução à Nutrição, ministrada pela professora Nila Patrícia Freire Pequeno, onde surgiu a oportunidade de se trilhar as primeiras idéias para a realização do trabalho monográfico.

A escolha do tema se deu em consequência do interesse em conhecer mais detalhadamente o legado que a Escola Doméstica deixou no processo de formação e disseminação da cultura alimentar no RN.

1.3.2 Específicas

Viver e aprender são coisas que não se separam, já que a vida, experiência e aprendizagem estão intrinsicamente ligados, uma colaborando com a outra simultaneamente, vivemos, experimentamos, aprendemos, conhecemos. No mesmo instante em que vivemos, convivemos e nos comunicamos através de diferentes tipos de linguagens e do entrelaçamento dessas linguagens com o emocional que integra o nosso viver, (MORAES, 2003).

Dessa maneira, uma experiência formadora terá o enfoque de uma abordagem biográfica, essas experiências serão coletivamente partilhadas no convívio sociocultural, experiências individuais, experiências únicas e em série.

A experiência implica a pessoa na sua globalidade de ser psicossomático e sociocultural: isto é, ela comporta sempre as dimensões sensíveis, afetivas e consciências. A experiência constitui um referencial que nos ajuda avaliar uma situação, uma atividade, um acontecimento novo (JOSSO, 2004).

O estudo utilizará uma abordagem de pesquisa-formação, em que a história de vida se constituirá como fonte de captação de informações e levantamento de dados documentais no ambiente do modelo educacional da Escola Doméstica de Natal- RN.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Verificar a influência do modelo educacional da Escola Doméstica de Natal na cultura alimentar da população do RN.

1.3.2 Específicos

- Identificar quais propostas educacionais da Escola Doméstica de Natal contribuíram para o desenvolvimento / modificação dos hábitos alimentares do norte riograndense;
- Abordar os aspectos vivenciais e experiências das ex- alunas ou ex- professoras da Escola Doméstica de Natal, e como estes influenciaram o seu processo de formação na alimentação e nutrição;
- Mostrar a importância que a Escola Doméstica de Natal teve na formação pessoal e profissional das suas ex-alunas.

“... a semelhança das que a providência dos povos cultos desde muito vinham fundando em larga escala, e que ao lado do indispensável ensino técnico, fossem ministrados seguros conhecimentos práticos que habilitassem a mulher ordenadamente pela educação básica, intelectual e moral dos filhos e lhe orientassem o espírito, de modo que ela pudesse viver por si, no caso de faltar o apoio dos que lhe fossem amigos.” (LIMA, 2004, p.331).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1- História da Escola Doméstica de Natal

Henrique Castriano ao voltar da Europa em 1910, trazia um material coletado em estabelecimentos educacionais e no próprio viver do povo suíço. A perfeição dessa democracia, o progresso, a ordem provinham da educação popular, e ele estava seguro de que o começo da mudança, a princípio, é a família, de onde sai para a escola e para a vida, o homem de amanhã.

Essa mudança que ele antevia e desejava, deveria ser a educação mais aprimorada da mulher brasileira que, a essa época, no começo do século era limitada à alfabetização básica (BARROS, 2000).

Henrique, conversando sobre o assunto com Manuel Dantas, Francisco Meira e Sá, Juvenal Lamartine, José Augusto, Dionysio Filgueira, homens intelectuais, como ele, interessados no desenvolvimento do Estado, conseguiu-lhe a adesão e o entusiasmo para o projeto da criação da Liga de Ensino.

Henrique Castriano, em maio de 1911, imprimiu e endereçou folhetos explicando as finalidades de uma sociedade de homens preocupados com a educação e que visava auxiliar os poderes públicos estaduais, em tudo o que dissesse respeito à instrução e educação do povo.

Esses folhetos foram distribuídos para as pessoas interessadas no problema educacional, para as pessoas influentes da sociedade local, e aos que ocupavam cargos de direção no estado.

Em uma carta circular, desse mesmo mês, Henrique propunha a criação de uma escola, segundo palavras suas.

“... à semelhança das que a previdência dos povos cultos desde muito vinham fundando em larga escala, e que ao lado do indispensável ensino teórico, fossem ministrados seguros conhecimentos práticos que habilitassem a mulher criteriosamente pela educação básica, intelectual e moral dos filhos e lhe orientassem o espírito, de modo que ela pudesse viver por si, no caso de faltar o apoio dos que lhe fossem arrimos.” (LIMA, 2004, p.331).

Uma escola assim, continuava Henrique na mesma circular, "representa por certo, o início de promissora fase social, é da mulher que depende a felicidade da família e esta, é a nação em miniatura."

Augusto Bezerra de Medeiros, jovem advogado, seridoense de Caicó, incentivador e parceiro de Henrique Castriano na criação da Liga de Ensino, publica um artigo em um jornal "A República," em 1911, onde se reporta a criação dessa entidade, cuja finalidade maior era a criação de uma escola. Ele que era um estudioso da educação e de suas urgentes mudanças.

Escreve José Augusto:

"A Liga de Ensino, cuja instalação anuncia-se em breve nesta capital, visa justamente reunir os esforços de todos os que, amando a sua terra e a sua família, vê-los prósperos e felizes, da prosperidade e da felicidade que somente podem ter os povos que estão solidamente aparelhados para uma sadia educação" (LIMA, 2004,).

Em 23 de junho de 1911, Henrique em uma conferência perante a sociedade natalense, apresentou um trabalho "A Educação da Mulher", em que falava de suas viagens e das suas observações sobre a instrução dos povos europeus. "É uma belíssima erudição, onde permeia todas as páginas a preocupação com a educação e instrução da mulher do campo e da mulher da cidade, da mulher mãe, da mulher organizadora da casa, gerente e condutora de sua família" de onde sai para a escola e para a vida o homem de amanhã.

"percorrendo minhas senhoras e meus senhores o programa da Escola que a Liga de Ensino pretende fundar, vê-se bem a nossa preocupação: instruir, mas principalmente educar a mulher, disciplinando - lhe à vontade, ao mesmo tempo em que se quer fazer dela, a principal guiadora dos filhos (JORNAL A REPÚBLICA, 1911)."

E encerra a conferência se dirigindo às mulheres presentes "...A vós, minhas senhoras, esta nova e augusta maternidade: a formação social do Brasil de amanhã".

"que é desta ocasião e noite, a Liga de Ensino, entidade que fundaria a Escola Doméstica, libertando-a de ser umas escolas municipais, estaduais ou federais, sujeita às oscilações indefinidas das reformas educacionais na esfera social" (CASCUDO, 1998,).

Estavam presentes, nesta noite da instalação da liga de Ensino o Sr. Governador do Estado Alberto Maranhão, gestor de novas idéias, o Bispo Diocesano D. Joaquim Antonio de Almeida, além de autoridades civis, militares, o clero, funcionários públicos federais, estaduais e municipais, comerciantes, agricultores, criadores, industriais, estudantes do Colégio Atheneu Nortério grandense e da Escola Normal de Natal, como consta a ata de inauguração (BARROS, 2000).

Aclamado Presidente da Reunião, o Governador Alberto Maranhão convidou para Primeiro e Segundo Secretário Francisco de Salles Meira e Sá, juiz federal, e Pedro Soares de Araújo, inspetor do Atheneu, declarando instalada a Liga de Ensino.

Designou em seguida, Francisco Meira e Sá, Cel. Fabrício Gomes de Albuquerque Maranhão, Henrique Castriciano de Souza, Desembargador Luiz Manoel Fernandes Sobrinho, João Dionysio Filgueira, José Augusto Bezerra de Medeiros, João Juvenal Pedrosa Tinoco, Avelino Alves Freire, Francisco Cascudo, Raimundo Lopes Galvão e Pedro Amorim de Araújo, para comporem a Diretoria Provisória encarregada da confecção dos Estatutos e trabalhos preliminares da Liga.

A Ata de solenidade da instalação da Liga de Ensino. é assinada pelo Governador Alberto Maranhão, seguindo-se cento e trinta e nove assinaturas.

Desde o inicio, conforme os seus Estatutos, a Liga de Ensino teve como principal objetivo a criação da Escola Doméstica de Natal.

No jornal "A República de 02 de outubro de 1911, o Dr. Henrique escreve":

"..O Dr. Alberto Maranhão, conhecedor da nossa índole", compreendendo isso, foi o primeiro a estimular a Liga de Ensino, cuja acção deverá ser lenta – como convém – mas será, sem dúvida, proveitosa, segura e eficaz" (SÉCULO, 1998).

O seu primeiro Presidente foi o Desembargador Francisco de Salles Meira e Sá, vindo em seguida, Henrique Castriciano, Manoel Dantas, o Desembargador Phelippe Gerra; Manoel Varela Santiago (Aldo Fernandes, em exercício), Onofre Lopes da Silva e o Prof. Osório Dantas e em 1999, Manoel de Brito até os dias atuais (CANESQUI, 2005).

A Liga de Ensino reunia-se, no início de suas atividades, no prédio do Natal Club e, a partir de 1914 na Escola Doméstica, uma vez por mês ou quando um assunto maior exigisse uma decisão do Conselho Deliberativo.

O jornal "*A República*", do dia 13 de setembro de 1914, registrou a fundação da Escola Doméstica de Natal.

A sessão solene de inauguração da referida escola realizou-se no seu prédio próprio, à Praça Augusto Severo, com a presença do Governador do Estado, Ferreira Chaves, altas autoridades, diretores da Liga de Ensino, além de inúmeras figuras da sociedade local.

Refere o noticiário, ao estilo e a ortografia da época:

"O sonho do poeta Henrique Castriciano é, desde hontem, uma realidade, devido a um concurso de circunstâncias e a um esforço de vontades, dentre os quais merece os maiores encômios a ação inteligente decidida da actual administração do Dr. Ferreira Chaves, que a despeito da política de severas economias, não mediu sacrifícios para concluir o edifício e dotá-lo de todo o mobiliário e aparelhos necessários ao preenchimento dos seus fins educativos (ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1994."b

Pelas 13 horas, assumiu a presidência da sessão o Desembargador Ferreira Chaves, ladeado pelos Srs. Meira e Sá, presidente da Liga de Ensino, Monsenhor Alfredo Pegado, representante do Bispo Diocesano, Coronel Pedro Soares, José Augusto Bezerra de Medeiros, os Coronéis Romualdo Galvão e João Tinoco, bem como as professoras suíças Hélène Bondoc e Jeanne Negulesco.

O discurso inaugural foi proferido por Meira e Sá, traçando um histórico da Liga de Ensino e da Escola Doméstica, desde "a célebre conferência de Henrique Castriciano, na qual lançou as bases às novas escolas, o apoio do Governo do Estado, e dedicação dos membros da Liga de Ensino e das professoras suíças". O orador lamentou a ausência de Henrique Castriciano, que se encontrava na Suíça, não assistindo, assim, ao início dos trabalhos da Escola Doméstica – "a primeira, no seu gênero, que se inaugura no Brasil". Lamentou, ainda, a ausência de Alberto Maranhão que, no governo anterior, deu todo apoio à idéia de Henrique Castriciano, prometendo a construção do edifício próprio da escola, o que só não concretizou por circunstância "da maior notoriedade", que quase levara o Estado a uma convulsão geral.

Referiu-se, ainda, Meira e Sá a:

"belíssima conferência do Dr Henrique Castriçano, pronunciada a 23 de julho de 1911, onde estão indicadas a gênese e o intuito da liga de ensino, tendo em mira a criação da Escola Doméstica, modelada, tanto quanto possível e segundo às condições do nosso meio, pelo sistema da Escola Ménagère de Frigurgo, na Suíça – a terra clássica da pedagogia, dos modernos e mais profícuos processos do ensino técnico e profissional" (ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1945)a.

Reportando-se, especificamente, aos objetivos da Liga de Ensino, Meira e Sá acrescentou:

"São conhecidas as aptidões intelectuais e morais da mulher brasileira, sempre inclinada ao trabalho e a virtude. Observando essas qualidades de ação e equilíbrio, a que devemos benefícios de toda ordem, notadamente a conservação do patrimônio moral, transmitido de família a família, com um carinho que faz honra as nossas patrícias, resolvemos fundar a Liga de Ensino, cujo fim principal é prepará-las para as dificuldades da existência, dando-lhes cuidadosa educação theórica e prática, de modo a serem efficazmente aproveitada as referidas aptidões, no caso de lhes faltar o amparo do chefe de família" (BOLETIM COMEMORATIVO DO CINQUENTENÁRIO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1964).

Daí enfatiza Meira e Sá:

"O fim da Liga, convém accentuar desde já, não é pregar a emancipação da mulher, nem ancaminhá-la para a solução do que se convencionou appellar feminismo, consistente na aquisição de certos direitos políticos. Bem longe disso. O principal objectivo da Liga pode ser resumido em quatro palavras: aperfeiçoar a educação doméstica."

Os moldes suíços serviram de referência para o programa curricular da Escola Doméstica de Natal. As primeiras diretoras vieram da França, Romênia, Estados Unidos, Alemanha. As professoras Hélène Bondoc e Jeane Negulesco foram as primeiras a dar um passo avançado da participação feminina no âmbito cultural, familiar e social. Em seguida vieram quatro estrangeiras, sucedendo-as, respectivamente as brasileiras, Amelia Bezerra Filha, Santa Guerra, Alix Ramalho Pessoa e atualmente desde 1945, a diretora Noilde Pessoa Ramalho (BARROS, 2000).

"Deve-se às forças da tradição e da auto-renovação permanente o prestígio singular e o alcance das metas institucionais da Escola Doméstica. A valorização das coisas da terra, da ecologia antes mesmo de existir ou de ser usada a palavra, o Campus, o culto a decência, a delicadeza, a economia doméstica, a urbanidade, a boa

etiqueta, estética e ética promovem e sensibilizam o corpo docente" (ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1994)b.

Destacaremos todas as diretoras desde a sua inauguração até os dias atuais de acordo com Lima (2004):

Melle. Hélène Bondoc, Organizadora da Escola Doméstica de Natal e do currículo escolar na sua fase inicial, foi a primeira diretora de 1914 a 1915.

Melle Jeanne Negulesco, Veio da Suíça, juntamente com a Mlle. Bondoc e foi também, responsável pela organização funcional da escola Diplomada pela Escola de Friburgo, a Escola Doméstica de Natal muito deve. Período 1914 a 1918.

Miss Leonora James, bondosa e enérgica norte-americana. Ex-diretora da Escola Superior do Estado da Virgínia e da Carolina do Norte. Dotada de liderança e criatividade, deu grande impulso ao curso, fazendo vir dos Estados Unidos professoras formadas para o que muitos chamaram " a revolução do ensino ". Foi diretora de 1919 a 1922.

Sra. Allexandra Von Schimnielpfeig: de origem alemã, dirigiu a Escola Doméstica de Natal durante um ano – 1923. Era diplomada pela Escola de Belas Artes de Munich.

Melle Edwigs Schüller: Nascida no Brasil, de pais alemães. Veio contratada da Alemanha onde estava estudando e ficou na direção da escola durante um ano – 1924.

Miss Isabel Baird: De origem irlandesa. Excelente educadora e professora. Veio a falecer ao terminar o primeiro ano de gestão. 1925.

Melle Júlia Serive: Origem francesa. Dirigiu a Escola de Comércio de Natal para moças. Foi a última estrangeira a dirigir os destinos da Escola Doméstica no ano -1926.

O ano de 1927 marca o início da direção de professoras brasileiras.

Srta. Maria Emiliania Silva, Diplomada pela Escola Normal de Natal, continuou o trabalho de suas antecessoras, dentro do mesmo nível de elevação cultural. 1927 – 1930.

Srta. Caetana de Brito Guerra (Santa Guerra) Diplomada pela Escola Doméstica, com curso de aperfeiçoamento na Bélgica. Dirigiu a Escola Doméstica de Natal, de junho de 1930 a março de 1935.

Srta. Alix Ramalho Pessoa: Diplomada pela Escola Doméstica, com curso de aperfeiçoamento na Bélgica, foi premiada com uma bolsa de estudo, pelo então Governador Juvenal Lamartine, por ter conquistado distinção em todo o curso. Dirigiu a Escola Doméstica de Natal, de abril de 1935 a março de 1944.

Srta. Amélia Bezerra Filha: Formada pela Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, falava fluentemente o francês e o espanhol, era uma jovem muito culta. Dirigiu a Escola Doméstica de Natal de abril a novembro de 1944.

Srta. Noilde Pessoa Ramalho: norterio-grandense de Nova Cruz, diplomada pela Escola Doméstica, foi chamada para assumir a direção pela sua capacidade, inteligência e liderança. Assume esse cargo em março de 1945 e continua até os dias de hoje, inovando, modernizando, mas conservando as mesmas coordenadas que fizeram e faz da Escola um marco na educação brasileira. Fundadora do colégio Henrique Castriciano e da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – FARN. Nasceu, no dia 19 de julho de 1920. Ingressou na Escola Doméstica em 1936, no 2º ano do Curso Doméstico, diplomando-se em 17 de novembro de 1939.

Em março de 1940, por convite de Varela Santiago, então Presidente da Liga de Ensino, foi nomeada Professora do curso de Admissão, exercendo até 1944, diversos cargos. Em março de 1945, assumiu a Direção da ED, permanecendo até hoje (A ESCOLA DOMÉSTICA, 1998).

De acordo com os ideais da Liga de Ensino, a preparação da mulher seria a base para a educação da família, esta deveria capacitá-la para enfrentar os possíveis conflitos da vida, possibilitando-lhe uma maior vitalidade física e moral associada a conhecimentos práticos que pudessem conferir uma maior segurança em suas atitudes (AREIAS, 2002).

É nesse contexto educacional que a Escola Doméstica nasceu em 1914, pelo seu criador Henrique Castriciano. Uma instituição que se tornou desde a sua fundação um dos mais fortes elementos constitutivos de sua sociedade, antecipando em quase meio século a questão da mulher e de suas lutas (GOES, 1994).

A impressão, de acordo com Areias (2002), que se passava no ambiente da Escola Doméstica, era de uma transformação profunda. “Aquele novo modo de educar a mulher estava provocando uma transformação no interior da própria família. Conhecendo e desenvolvendo suas potencialidades a mulher já não admite a submissão. Culturalmente houve uma mudança sem precedentes, que certamente deflagrou um processo de transformação no interior da família e da sociedade” (GOES, 1994).

2.2 A Emancipação da Mulher

O currículo inicial da Escola Doméstica foi dividido em um curso de três anos, e se mostrava prático, inovador, sob o aspecto de introduzir os hábitos alimentares europeu no contexto da culinária nordestina. As matérias eram Cozinha ; Cozinha Prática; Curso Teórico de alimentação; Leiteria; Animais domésticos- espécie bovina; Avicultura; Apicultura; Economia Doméstica; Lavagem de roupas; Conserto de roupas; Corte e feitiço de vestuário; Contabilidade; Botânica e Jardinagem; Física; Química; Anatomia; Higiene individual; Medicina Prática; Língua nacional; Geografia; História; e cultura física (AREIAS, 2002).

A idade fixada para a matrícula, foi a de 15 anos, mínima, sendo a contribuição de 50\$000 mensais, para alunas internas, e de 30\$000 para as semi-internas, que entravam pela manhã, retirando-se às 18 horas.

No primeiro ano foram matriculadas 9 alunas. Pequenas alterações de adaptação tiveram os estatutos. Com a retirada das professoras contratadas tomou a direção da Escola à norte-americana miss Leonora James, ex-diretora da Escola Superior do Estado da Virgínia e de North Carolina (BOLETIM COMEMORATIVO DOS CINQUENTENÁRIO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1964).

O programa foi muito ampliado; o curso elevado há seis anos, a idade para a matrícula fixada em onze anos, mínima (BARROS, 2000).

Sendo, em geral, pouco satisfatório, o grau de cultura escolar das candidatas à matrícula, foi criado um curso preparatório de dois anos, ficando o "curso doméstico", propriamente dito, elevado em quatro anos.

O estudo de música, de desenho, tornou-se obrigatório, sendo facultativo o estudo do piano, violino, pintura, datilografia; o estudo de português, obrigatório do primeiro ao sexto ano; foram criadas as cadeiras de aritmética, álgebra, história geral, do Brasil e do Rio Grande do Norte, francês, inglês, direito usual. Durante a direção de miss L. James vieram da América do Norte cinco professoras especializadas em jardinagem, horticultura, criação, cozinha e química culinária (SANTOS, 1998).

A impressão, de acordo com Areias (2002), que se passava no ambiente da Escola Doméstica, era de um grande lar, onde as alunas e professores formaram uma família. Uma característica que a diferenciava dos outros colégios era a liberdade de expressão, o falar e o conversar tinham o incentivo dos professores somente se o lar, o marido, e os filhos fossem com isso beneficiados (ALMEIDA,

2.2 A Emancipação da Mulher

Falar em educação é falar no ser humano, um ser de relações sociais concretas, um referencial para uma pedagogia preocupada em juntar competência e sensibilidade social, ligado a cidadania e solidariedade.

Falar da Escola Doméstica de Natal é falar de competência social, de responsabilidade, de prestígio, de reconhecimento, de solidariedade, de amor, de respeito mútuo, de construção, de entendimento, de formação no processo de construção e reconstrução do ser humano.

É falar de uma “habilidade de ampliar seus pontos de vista, de enxergar e sentir as necessidades dos demais, de ter o êxito ao mesmo tempo em diversos níveis: o profissional, o pessoal e social” (ASSMANN e SUNG, 2003).

Na época da colônia, não existiam ainda no Brasil instituições onde as mulheres pudessem aprender a ler e a escrever, pois a sua instrução não era valorizada socialmente. A opção eram os mosteiros de Portugal, o que restringia essa educação às mulheres de famílias abastadas. Aqui, os primeiros passos da educação formal surgiram com a tentativa dos jesuítas de catequizar os filhos homens dos colonos e dos índios para a fé cristã. As mulheres freqüentavam as capelas e igrejas, onde a doutrina pregava-lhes a obediência aos homens: pais, maridos, irmãos (GOMES, 2000).

De acordo com Saffioti, isso não representava uma discriminação para as mulheres da colônia, tendo em vista que na sociedade portuguesa, as mulheres também não recebiam instrução, já que a idéia de educação feminina resumia-se às prendas domésticas. (SAFFIOTI, 1979)

A maneira de pensar dos políticos e intelectuais brasileiros sobre a educação feminina, mostrava a força da herança cultural portuguesa. Para eles, o trabalho feminino era aceitável na medida em que estivesse voltada para os cuidados com alguém (crianças, idosos, enfermos), a mulher não poderia competir profissionalmente, nem intelectualmente com os homens, pois isso poderia acarretar ruptura com os acordos tacitamente estabelecidos desde outras épocas e poderia promover desordem social ao desvencilhar-se do sexo dominado essa subordinação. Portanto, tornava-se necessário que fossem educadas, porém somente se o lar, o marido, e os filhos fossem com isso beneficiados (ALMEIDA,

1998). Temia-se que a mulher instruída buscasse outros papéis, deixando de lado suas funções matrimoniais e maternas.

No fim do século XIX, as feministas reivindicavam, na Suíça, o ensino doméstico obrigatório para todas as moças do país. O objetivo era, de forma imediata preparar as mulheres para a luta contra o alcoolismo, a tuberculose e a mortalidade infantil.

Nessa época, a sociedade industrial começa a levar as trabalhadoras para as fábricas e usinas. As associações femininas identificam esse processo como uma ameaça, interpretando como um crime social, quando as esposas e mães deixavam suas casas para ingressarem no trabalho árduo e de remuneração inexpressiva. Representava o sacrifício do lar em favor dos interesses da indústria. O pensamento era de que a família seria prejudicada sensivelmente e, com o passar dos anos, seriam grandes os malefícios à sociedade. Portanto, alguma coisa deveria ser feita para mudar essa situação de degradação do papel feminino, em atendimento aos interesses da própria comunidade (AREIAS, 2002).

Assim, os anos dez do século XX, os colégios católicos já estavam por aqui há algum tempo, consolidados e prestigiados por uma elite existente. Destacando-se: Imaculada Conceição, Ginásio Diocesano Santo Antônio (hoje Colégio Marista), Escola Normal, Atheneu, os grupos escolares Frei Miguelinho e Augusto Severo (BARROS, 2003). Nesta época o intelectual Henrique Castriciano articulava apoio das elites para a formação de uma Liga de Ensino que se preocupasse com novos rumos para a educação feminina, instituição que se formou em 1911, e criou a Escola Doméstica de Natal, entidade que se diferenciava dos demais colégios católicos existentes, consolidando um marco da expressão de uma nova mentalidade em relação à educação feminina no Brasil (AREIAS, 2002).

"O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se" dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã "(FREIRE, 2005)"b.

Henrique Castriciano de Souza com seus ideais positivistas considerava a mulher o centro da família e propagandizou através da Liga de Ensino do Rio Grande

do Norte, uma instituição que tinha como objetivo introduzir moldes racionais, práticos e eficientes na sistematização da educação, em especial a feminina, a Escola Doméstica de Natal. "A instrução, o ensino, a educação é o grande fator capaz de encaminhar a sociedade e seus ideais da perfeição, as suas aspirações mais nobres, a sua possível felicidade, nos limites da contingência humana" (A Escola Doméstica, 1998).

Segundo Lima (1998), entre 1919 e 1923, Henrique Castriciano lecionou disciplinas por ele estabelecido. Além dos temas da educação social aprendiam: Educação feminina no Brasil; Reformas necessárias; O exemplo educacional dos povos adiantados; O papel da mulher como agente da civilização brasileira; Iniciativa feminina na Suíça, na Inglaterra, na América do Norte, na Alemanha, na Suécia, na Noruega e no Brasil.

"Durante longo tempo, as mulheres viveram comprimidas em seus espartilhos, por vezes amordaçadas e contidas. Quando se submetiam a isto, eram consideradas respeitáveis, "mulheres de bem" - corretas; quando fugiam das coleiras que lhes eram impostas, eram tidas como "cortesãs" - mundanas marginalizadas (LIMA, 2004)".

Numa sociedade patriarcal, onde o modelo masculino representava o poder, a imagem ideal a ser seguida, à mulher cabia apenas o lugar de um apêndice. Um complemento do homem, figura incógnita, ela era e é muitas vezes ameaçadora.

Pela sua própria estrutura psicofísica, a mulher é portadora de uma forma que é a que recebe, que contém, que engolfa, que alimenta, e isso dá medo ao outro. Além disso, a mulher é a única depositária de um grande valor, que é a capacidade de gerar um ser dentro de si, quando, neste processo, o homem é apenas um vetor (LIMA, 2004).

As questões da alma feminina não podem ser tratadas tentando-se submetê-las ou esculpi-las de uma forma "mais adequada", para satisfazer a uma cultura - sociedade - inconsciente, que não se preocupa com a singularidade das pessoas. Não. A percepção desses fatos, que provocou a transformação de milhares de mulheres, que lutaram e se rebelaram com forças poderosas e naturais, como párias em sua própria sociedade (ENGEL, 1997).

Historicamente, a pílula anticoncepcional abriu as portas para uma revolução sexual, para flexibilização da moral e o ingresso da mulher no mercado

de trabalho. Evolutivamente, as conquistas de condições de igualdade, civil e jurídica, entre os sexos e a perda do medo da gravidez proporcionou mudanças importantes nas relações das mulheres, consigo mesmas e em relação ao mundo que as circunscreve (FERRAROTTI, 1986).

A educação sob o ponto de vista tradicional denota algo fora do indivíduo, mas que pode ser associado a ele, sendo que "enquanto nas sociedades primitivas a educação se revela um componente indiciado das demais funções desempenhadas pelo grupo, nas sociedades letradas, tal a sua complexidade, há necessidade de se recorrer a instituições específicas (igrejas, escolas, etc) para assegurar a transmissão da herança cultural". Para a educação nova, a preocupação central é o educando, e as formas que venham possibilitar o processo de aprendizagem, que se constitui em algo eminentemente individual. (GARCIA, 1975)

A educação tem como função social integrar o homem à sociedade tentando evitar a "contradição existente entre os interesses pessoais e os sociais." Mostrando que a plenitude na realização dos interesses pessoais está vinculada às realizações dos interesses sociais. Concebendo que o desenvolvimento pleno do indivíduo só é possível na medida em que ele interage com outras pessoas, no meio social, aceitando as normas comuns de conduta, bem como renunciando a desejos pessoais específicos, por outros, socialmente aceitos, (MEKSENAS, p. 36, 1998).

2.3 A Evolução dos Hábitos Alimentares

A aprendizagem do comportamento alimentar pode verificar-se por condicionamento simples, condicionamento instrumental, limitação, ensaio, erro, discernimento ou raciocínio, entre outras formas de aprendizagem (MOTA, FABERBOOG, 1988).

Dessa maneira, o comportamento alimentar é o conjunto de todas as ações práticas em torno da alimentação, tem suas bases fixadas na infância, transmitidas pela família, sustentadas pela tradição, crenças, valores, tabus que passam através das gerações.

“As práticas alimentares adquiridas na primeira infância, por imitação e condicionamento, principalmente, ficam profundamente arraigadas no indivíduo e trazem em si uma forte carga emocional, difícil de modificar” (MOTA, FABERBOOG, 1988).

O comportamento cognitivo e alimentar correspondem aquilo que o indivíduo sabe sobre alimentos e nutrição como o conhecimento científico, resultado das pesquisas e o conhecimento popular, fruto do senso comum.

“A necessidade de criar, transformar, re-ligar, é inerente ao ser humano. É física e espiritual. No processo de criação, há uma relação entre o homem e a natureza. Há uma simbiose. O alimento que está sendo trabalhado culturalmente, artisticamente, em seguida será o próprio homem” (CASOTTI, 2002).

O conhecimento popular sobre alimentação consiste na soma das técnicas, de receitas, na combinação de alimentos, horários de refeições, simbolismos alimentares, etc. Pertencem também ao saber alimentar. Embora a transmissão de conhecimentos científicos faça parte de qualquer programa educativo, há defasagem de tais conhecimentos e sua utilização na alimentação diária (MOTA, FABERBOOG, 1988).

Nas práticas alimentares do Rio Grande do Norte são evidentes, os hábitos oriundos do sertão sobre a cultura tradicional. Notam-se variações dos ingredientes básicos das preparações regionais, bem como das técnicas de preparo, introdução de novos alimentos e hábitos, decorrentes da possibilidade de acesso advinda da evolução tecnológica e processos de industrialização aplicados aos alimentos.

Destaca-se a preservação de práticas alimentares, construídas ao longo do tempo, relacionados às comidas de festa ou de datas especiais e no caso do sertão, influenciada pela igreja católica. As restrições alimentares eram condicionadas por tabus e superstições (FISBERG, WEHBA, COZZOLINO, 2002).

"O alimento representa o povo que o consome numa imagem imediata e perceptiva. Dá a impressão confusa e viva do temperamento e maneira de viver, de conquistar os víveres, de transformar o ato de alimentar-se numa cerimônia indispensável de convívio humano" (CASCUDO, 2004).

Do ponto de vista das representações (livros e revistas de culinária, nutricionistas, entre outros) e das instituições (escolas, hospitais, empresas) o sistema de refeições no Brasil é composto de seis refeições ao dia. São elas: café da manhã, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e lanche (antiga ceia).

Esse sistema, que para alguns seria "o nosso sistema tradicional", é hoje ratificado pelas recomendações médicas e nutricionais que afirmam a conveniência de se comer pequenas quantidades, várias vezes ao dia, tanto para uma boa saúde como para a longevidade. Entretanto, os resultados de pesquisas indicam uma situação bastante distinta (CASOTTI, 2002).

O que é importante enfatizar é a discrepância entre o que é admitido simbolicamente, o recomendado nutricionalmente e o que efetivamente os brasileiros urbanos dizem praticar. As razões indicadas para a diminuição do número de refeições, extraídas dos depoimentos de grupos focais, são o ritmo da vida moderna dos grandes centros urbanos, a distância entre a casa e o trabalho, em relação ao tempo disponível para o almoço, e as novas ideologias de um corpo mais magro. Essas razões são bastante semelhantes às indicadas em outros estudos sobre a população francesa (POULAIN, 1998; POULAIN; TIBÈRE, 2000).

Embora existam diferenças entre os subsistemas e as refeições entre si, existem algumas dimensões que poderíamos classificar como "específicas" do comer no Brasil e que aparecem na combinação dos alimentos, nas lógicas de ingestão da comida, nas técnicas de cocção e nas maneiras à mesa.

Essa forma de ingestão contrasta, por exemplo, com a de alguns países europeus, nos quais a comida é ingerida seqüencialmente, isto é, um prato de cada vez, como é o caso da França e da Itália; ou junta, mas individualizada, no caso

norte-americano, em que determinados pratos, como a salada, são comidos em vasilhames diferentes de onde se encontram os pratos principais e no qual as porções são individuais; ou mesmo, ainda, no caso chinês, onde os alimentos misturados são aglutinados entre si através de algum tipo de molho e comidos alternadamente com o arroz, que é mantido em uma tigela separada.

Temos a ausência de hierarquia no servir e na composição da mesa. A tradicional posição de deferência em relação aos homens e aos mais velhos parece ter se invertido em favor das crianças ou de um individualismo em que cada um faz o seu próprio prato. Refeições com um maior grau de hierarquia e formalismo parecem ocorrer apenas em momentos rituais e um pouco no final de semana, perante a presença de outros familiares e amigos (PINTO, 2000).

Na alimentação humana, natureza e cultura se encontram, pois comer é uma necessidade vital, o que, quando e com quem comer são aspectos que fazem parte de um sistema que implica atribuição de significados ao ato alimentar. Como um fenômeno social, a alimentação não se restringe a uma resposta ao imperativo de sobrevivência, ao comer para viver, pois se os homens necessitam sobreviver (e, para isso, alimentar-se), eles sobrevivem de maneira particular, culturalmente forjada e culturalmente marcada (MACIEL, 2002).

Comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere (DAMATTA, 1986).

Foi utilizada a entrevista semi-estruturada, fazendo menção à História de Vida como um processo importante de captação de informações qualitativas consideradas para esse estudo. "Um dos desafios da abordagem biográfica é, pois, uma prática epistemológica do sujeito cognoscitivo que sirva de referência prévia a toda e qualquer aprendizagem intelectual" (JOSSO, 2004).

"Peio fato de captar formalmente informações sobre determinado tema, a entrevista tem que ser incorporada a seu contexto e vir acompanhada, complementada ou como parte da observação participante. Desta forma, além da fala mais ou menos dirigida,

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica, onde será resgatada a história da Escola Doméstica como fator influente na alimentação do RN. Onde serão identificadas as propostas educacionais que contribuíram para a formação e disseminação dos hábitos alimentares norte riograndense, verificando a influência das primeiras diretoras de origem européia, como também a implantação das disciplinas específicas para a área de alimentação e nutrição.

Dentro deste contexto será abordado paralelamente o processo biográfico de formação das ex- alunas ou ex- professoras da Escola Doméstica de Natal, e como esta influenciou a sua vida profissional e social no campo da Alimentação e da Nutrição.

Um trabalho biográfico num contexto educativo permite fazer das experiências de aprendizagem maneiras de evoluir sócio-culturalmente e de perceber a própria construção interiorizada em um ambiente humano e natural. De acordo com Josso (2004, p.48), uma experiência formadora “simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades”.

O processo de condução de uma investigação qualitativa nesse estudo recai na ocorrência de um diálogo constante que deve ocorrer entre o investigador e o investigado, “os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, como objeto de perceber aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem” (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

Foi utilizada a entrevista semi-estruturada, fazendo menção à História de Vida como um processo importante de captação de informações qualitativas consideradas para esse estudo, “Um dos desafios da abordagem biográfica é, pois uma prática epistemológica do sujeito cognoscitivo que sirva de referência prévia a toda e qualquer aprendizagem intelectual” (JOSSO, 2004).

“Pelo fato de captar formalmente informações sobre determinado tema, a entrevista tem que ser incorporada a seu contexto e vir acompanhada, complementada ou como parte da observação participante. Desta forma, além da fala mais ou menos dirigida,

4 ANÁLISE DOS

captam-se as relações, as práticas, os gestos e cumplicidades e a fala informal sobre o cotidiano" (MINAYO, 2004).

A amostra foi composta por duas ex-alunas e ex-professoras da Escola Doméstica de Natal.

A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semi-estruturada, gravada em áudio-tape e depois transcrita na íntegra. Foi realizada no período de março a julho de 2008. Esse período foi acompanhado por uma observação participante com registro em diário de campo. De acordo com Minayo (2004), neste caderno deve conter observações acerca de conversas informais, comportamentos, gestos e expressões de um indivíduo.

A análise dos dados seguirá a orientação metodológica proposta por Minayo (2004): Ordenação, classificação dos dados e análise final; e Josso (2004): Narrativa oral, passagem à escrita e análise da narrativa.

Antes, se faz necessário situar o leitor da história da construção da cultura alimentar por meio das propostas educacionais aplicadas na Escola Doméstica de Natal.

É nessa atmosfera pedagógica que a Escola Doméstica será edificada obedecendo a um critério planejado que preservava a funcionalidade, a estética, o meio ambiente, cumprindo a missão de formar jovens, crianças, e adolescentes para o desempenho futuro do papel feminino no mundo moderno (LIMA, 2004).

"Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheia, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação" (FREIRE, 2005).

Em seu programa inicial, a Escola se preocupava não só com os alimentos, mas com a sua produção, o seu emprego e o aproveitamento das sobras, e isso foi praticado em todas as aulas de Nutrição, Cozinha Dietética, Laticínios, Horticultura e Economia Doméstica, aceito e difundido pelas alunas.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados a seguir foram organizados em Estudo de Caso 1, realizado com Helena Bezerra Furtado, e o Estudo de Caso 2, com Noilde Pessoa Ramalho.

"O ser humano é um ser marcado pela natureza biológica, física e cósmica, ao mesmo tempo em que também pela sua cultura, ou seja, do universo, da palavra, do mito, da idéia, da razão e da consciência. O ser humano é um ser biológico-natural, mas que se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura" (ASSMANN, SUNG, 2000).

Nesse contexto abordamos um ambiente pedagógico em que o aprender é um processo criativo que se auto-organiza em experiência de aprendizagem. De acordo com Assmann (2004), o ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar, aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para que o processo de aprender aconteça como mixagem de todos os sentidos.

Antes, se faz necessário situar o leitor da história da construção da cultura alimentar por meio das propostas educacionais aplicadas na Escola Doméstica de Natal.

É nessa atmosfera pedagógica que a Escola Doméstica será edificada obedecendo a um criterioso planejamento que preservava a funcionalidade, a estética, o meio ambiente, cumprindo a missão de formar jovens, crianças, e adolescentes para o desempenho futuro do papel feminino no mundo moderno (LIMA, 2004).

"Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação" (FREIRE, 2005).

Em seu programa inicial, a Escola se preocupava não só com os alimentos, mas com a sua produção, o seu emprego e o aproveitamento das sobras, e isso foi praticado em todas as aulas de Nutrição, Cozinha Dietética, Lactaria, Horticultura e Economia Doméstica, aceito e difundido pelas alunas.

"Mostrando a necessidade do conhecimento do valor dos alimentos, sua composição, seu valor energético, seu valor protéico, seus sais minerais, suas vitaminas, sua serventia, a Escola inovava. Em cada fase da vida, em cada atividade, em cada faixa etária, a aluna deveria saber promover o aumento, a diminuição ou manutenção destes teores em determinado cardápio. Isso eram ensinado e cobrado nas aulas teórico e práticas de Higiene, Medicina, Nutrição e Cozinha" (BARROS, 2000).

O ensino de Alimentação e Cozinha Prática é ministrado teórica e praticamente, desde o primeiro ano. Para a preparação das refeições cada ano exceto o último, fornece diariamente, por escala, uma turma, que, sob a direção da professora, tem que dar conta da refeição, muitas vezes desde a escolha do produto a realização da compra. A avaliação das alunas consiste no preparo de um almoço completo incluindo todos os grupos alimentares, por turma de cada ano. É de praxe que a aluna possa convidar pessoas da família para esse almoço de avaliação (BARROS, 2000).

Segundo Henrique Castriciano as aulas de cozinha eram as merecedoras de um destaque maior. Acreditava que este espaço da casa sofreria grandes modificações, após a educação adequada da mulher, no que diz respeito à higiene alimentar, pois assim era visto a cozinha da época.

"O curso de cozinha para alunas da Escola Doméstica compreenderá o estudo da cozinha operária, da cozinha burguesa, da cozinha artística e da cozinha para doentes e crianças. A composição dos cardápios será fundada sobre os princípios de uma alimentação racional, higiênica e adaptada às necessidades, aos recursos e aos orçamentos respectivos das diversas classes sociais" (BARROS, 2000).

De acordo com Barros (2000), o curso teórico de Alimentação continha: condições de uma alimentação racional; diverso regime alimentar, cozinha vegetariana; Influência dos regimes sobre a solução do problema econômico da nutrição cotidiana; regras preliminares e gerais da arte culinária; compra de substância alimentícia, épocas favoráveis para as diversas provisões; local da cozinha (instalação, iluminação, ventilação, conservação e limpeza; mobília e bateria da cozinha, instalação e limpeza; substâncias alimentícias: carne, aves domésticas, peixe, legumes, ovos, leite, frutas, temperos; gorduras: alteração, conservação;

peixes: peixe d'água doce, peixe do mar (conservação); legumes: espécies diversas, propriedades, usos; legumes frescos, e secos (conservação); ovos e leite (uso e propriedade); massas alimentícias; temperos bebidos: Uso: propriedades, perigos e falsificações; preparação de bebidas quentes e frias; doces: preparação dos refrescos (xaropes), licores, marmeladas.

As compras de alimentos eram feitas nas feiras. Foi surpresa e questionamento para as professoras estrangeiras a ausência de verduras e legumes no consumo diário. Nos cardápios natalenses, de verdura havia apenas o coentro. Assim, foram plantados canteiros de legumes no terreno da Escola para consumo diário. Entre as muitas inovações culinárias, a salada de verdura teve início na Escola Doméstica, como também a maionese (BARROS, 2000).

No programa de cozinha, a Escola visava à adaptação do seu cardápio às necessidades, recursos e orçamentos das diversas classes sociais. Estes eram elaborados para cada dia da semana, sob orientação das professoras. Uma turma era responsável pelas refeições do dia, desde as compras no mercado, até a elaboração dos pratos, que eram servidos para todos da escola (AREIAS, 2002).

Com fins educacionais, a Escola promovia concertos, festas familiares, banquetes, e conferências, tudo organizado pelas alunas, com a finalidade de facilitar a prática das educandas na vida social.

Na década de 1991-1999, o Curso de Economia Doméstica no programa de extensão, teve a finalidade de interiorizar a Escola Doméstica em programas de atendimentos à família de baixa renda, em conhecimentos adquiridos como Alimentação e Nutrição, Puericultura, e Enfermagem, Arte e Habitação e Trabalhos manuais e Boas maneiras. As professoras Violeta Cavalcanti Rocha, Zoraide Accioly e Sônia Câmara, coordenaram esse curso de extensão (BARROS, 2000).

Esta década foi marcada pela realização do XIV Congresso Brasileiro de Economia Latina e o II encontro Latino Americano de Economia Doméstica.

Observamos durante estas décadas que o Curso de Economia Doméstica acompanhava os avanços científicos dentro da Nutrição, contribuindo para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das suas disciplinas. A Escola Doméstica de Natal foi a pioneira no ensino de economia Doméstica no Brasil, antecipando a criação do Curso de Nutrição, este foi criado no Brasil em 1939 (BOLETIM COMEMORATIVO DOS CINQUENTENÁRIO DA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL, 1964).

4.1 ESTUDO DE CASO 1

Professora Helena Bezerra Furtado (HBF), 88 anos, natural de São Tomé-RN, profissão professora (aposentada) iniciou o Curso na Escola Doméstica de Natal em 1939 e terminou em 1943. Passou este período no convívio do internato, de acordo com Lima (2004), uma das características da Escola Doméstica é a existência do regime de internato, que começou desde a fundação do social (MORAES, 2003).

A sua expressividade no decorrer da entrevista buscava o seu sentido na construção de um sentido, vivenciado e dialogado no contexto da Escola Doméstica de Natal. Em que o exercício da intersubjetividade sobre a subjetividade expressava na compreensão de si e do outro.

O sujeito de formação (HBF) na sua caminhada pela Escola Doméstica de Natal, retrata bem este caminho percorrido quando fala da sua escolha pela Escola Doméstica de Natal e como a Escola Doméstica era vista na sociedade:

"Morava no interior e meus pais sempre pensaram em me colocar para estudar na Escola Doméstica por ser esta uma escola que naquela época preocupava-se em educar a mulher para a vida, dando uma educação diferenciada dos demais colégios da capital. Para mim foi um momento de muita alegria o dia que soube que vinha estudar na Escola Doméstica de Natal que tinha como diretora a professora Alix Pessoa Ramalho, a partir deste momento todos os horizontes foram abertos na minha vida"

De acordo com Josso (2004), a narrativa escrita permite revelar que o nosso processo de conhecimento depende não apenas dos nossos registros de expressão privilegiados e das nossas teorias de referências, mas que são profundamente orientados e matizados por referenciais culturais heterogêneos, que vêm tornar mais complexa a confrontação intersubjetiva já apontada.

Confronta-se assim, que a idéia em que a intersubjetividade permite a tomada de consciência de que as nossas idéias, as nossas valorizações, os nossos afetos, as nossas sensibilidades, as nossas escolhas, os nossos projetos, as nossas buscas, a nossa maneira de ser em relação conosco e com o nosso meio humano e natural são constituídos por fragmentos culturalmente heterogêneos, observamos nas suas palavras:

"Na época a escola funcionava na Ribeira e era muito bem conceituado na sociedade vista como escola modelo, além das matérias normais do curso ginasial, tinha no seu currículo matreiras, voltadas para o curso de Economia Doméstica, onde nós alunas saíamos formadas como dona de casa".

O padrão da organização, a maneira de operar, a conduta do sujeito (HBF), é o que possibilita a realização de processos autopoietico nos sistemas sociais, sendo as condutas e as relações entre os indivíduos que dão vida a qualquer organização social (MORAES, 2003).

Quando aluna da Escola Doméstica o sujeito (HBF) coloca bem em suas palavras a disciplina curricular que mais se identificou e porque.

"Foi Biologia e Nutrição sempre tive muita curiosidade de estudar e conhecer o organismo humano no seu crescimento, trabalho e gastos. Em Nutrição aprendíamos os princípios de higiene, os valores e importância dos alimentos na vida do indivíduo, aprendíamos também que os alimentos eram fontes de energias, construtores e reguladores. Era uma aluna fascinada pelo estudo dos alimentos, a nossa professora passava para nós a importância dos alimentos, ensinando que os mesmos dava boa saúde, desenvolvimento harmonioso e energia para o trabalho externo e interno, aprendíamos a adquirir os alimentos e as suas leis: Quantidade, qualidade, harmonia e adequação que dependendo das necessidades orgânicas, tipos de atividades, condições fisiológicas e patológicas de cada indivíduo, a partir deste fato fazíamos as dietas: Dieta geral, dieta para um doente, dieta alta em proteínas aconselhada para o período pré-operatório, dieta para pessoas acometidas de úlcera crônicas e dieta para úlcera em". sangramento. Dentro da matéria Nutrição aprendíamos a calcular a ração alimentar de acordo com as necessidades que eram levadas em consideração: idade, peso, estatura, sexo, trabalho, condições fisiológicas e clima. Calculávamos a ração alimentar tomando-se por base o peso e as calorias de acordo com o trabalho que o indivíduo desempenhava."

Observamos assim, como a instituição, Escola Doméstica de Natal, com o seu currículo, vinha influenciando, sobre o aspecto Nutricional, os costumes e a cultura alimentar da população do RN. Prevendo a importância do seu currículo no processo de formação pessoal, profissional, social e de experiência de vida das suas ex-alunas ou ex- professoras no campo da Alimentação ou da Nutrição.

De acordo com Josso (2004), a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a

oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros.

A Escola Doméstica com a sua história curricular transcendia o seu tempo, a sua verdade, a sua inteireza, o seu viver diante do aspecto de educar para a vida, para a beleza e para o amor. Numa realidade que a colocava a frente do seu tempo, a mulher deixava de ser apenas do "lar", buscava no aspecto sócio econômico a emancipação de "ser" mulher (AREIAS, 2002).

Necessitamos de um paradigma educacional que não destrua os sonhos, a utopia, a fé e a esperança, reconhecendo-os como mola propulsora, construtora e modificadora do presente, catalisadora de idéias-farol, de idéias iluminadoras de novos rumos, de novos caminhos que nos ajudam a sobreviver às flutuações, ao inesperado e à presença do novo em nossas vidas (MORAES, 2003).

O momento mais marcante durante a sua vida como aluna da Escola Doméstica foi um jantar oferecido ao Ministro da Educação da época. Observamos em suas palavras:

"Um dos momentos mais marcantes como aluna foi um jantar oferecido a um Ministro da Educação, que não recordo o nome, que veio a Natal exclusivamente ser paraninfo de uma turma concluinte da Escola. Este jantar ficou gravado em minha memória pela elegância do jantar e das pessoas que participavam. No seu discurso ele comentou sobre a elegância das alunas e do sabor do cardápio e da sua apresentação dizendo que estava encantado com o que viu".

De acordo com Lima (2004), a Escola Doméstica, desde a sua criação, foi com muita freqüência, solicitada pelas autoridades e pelos políticos, bem como, por figuras de destaque na sociedade local, a sediar e coordenar as recepções aos visitantes ilustres que chegavam a Natal pelos mais diversos motivos.

De acordo com o mesmo autor essas recepções eram e continuam sendo transformadas em aulas práticas, quando as alunas aprendem a conduta correta de boas anfitriãs, elas exercitam desde a ornamentação do ambiente e a preparação dos alimentos até a maneira de bem servir.

A Escola Doméstica assim se destaca na sua excelência, com seu diferenciado projeto pedagógico, o ambiente refinado, o perfeito cerimonial e as regras de etiqueta sem falhas, a certeza de um cardápio sempre adequado ao momento.

Para mulheres e homens, estar no mundo significa estar com o mundo e com o outro. Estar no mundo sem fazer história, sem ela por feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível (FREIRE, 2005).

A Escola Doméstica ia pintando sonhando e fazendo sonhar um processo de autoformação em que o viver se fraterniza com a poesia da alma das emoções e da concretização de vários saberes, inclusive o de saber sonhar e realizar, é o que observamos na fala de HBF:

“ Quando terminei o curso da Escola Doméstica fui dirigir o Grupo Escolar Amaro Cavalcanti em São Tomé, minha cidade Natal, por um ano, logo em seguida, fui convidada pela professora Noilde Ramalho para vir ser professora do internato da Escola Doméstica de Natal, lecionava a matéria Cozinha prática e teórica no ano de 1955. Como professora fui mandada para o Rio de Janeiro para fazer um curso de Educação alimentar no Ministério da Agricultura, lá estudávamos as plantas e seu desenvolvimento e conservação, como também jardinagem. O curso teve duração de 2 anos com tempo integral que equivalia a 4 anos. Encontrei-me com madimosele Germaine Max que tinha sido diretora da Escola Doméstica. Quando voltei para a escola assumi a cadeira de Nutrição e indústrias cadeiras, confecção de licores, doces cristalizados, defumados, picles, a minha maior preocupação era passar para as alunas a importância da higiene e como manipular os alimentos. Assumia a função de Nutricionista no Hospital Walfredo Gurgel. Ainda como professora juntamente com as alunas preparamos o banquete para o presidente Juscelino Kubitschek que estava em visita oficial a Natal”.

O contato com o alimento faz parte desse movimento de integração com o espaço circundante da Escola Doméstica de Natal; Para Câmara Cascudo (1983), embora a sociologia do alimento seja um princípio lógico dos próprios fundamentos do fato social - pois nenhuma atividade é tão permanente na história humana- a culinária. Assim, HBF ia adquirindo uma postura de aprendente, construída como referência às experiências educativas no universo da Escola Doméstica. Esta ia disseminando por todo o país, através do seu currículo inovador, os aspectos sociológicos, cultural e fisiológico dos alimentos e o requinte dos seus serviços.

"O ato de aprender encontra-se assim sucessivamente contextualizada nas lógicas de partida e de chegada, dependendo, ao mesmo tempo, do passado, do presente e do futuro, das características bio-psico-socioculturais de determinado aprendente na sua singularidade e finalmente da capacidade de objetivar os diferentes aspectos em jogo nas situações educativas" (JOSSO, 2004).

HBF retrata bem o legado que a Escola Doméstica deixou para o desenvolvimento do RN, como também traduz a sua influência na sua vida familiar, profissional e no convívio social:

"A escola representa não só para o Rio Grande do Norte como para o Brasil um grande exemplo de Educação diferenciada, preparando as suas alunas para enfrentar qualquer desafio dentro do mercado de trabalho, seja este no campo político, empresarial, profissional liberal e no lar como grande administradora, a aluna formada pela Escola Doméstica tem um perfil diferenciado na família e na sociedade" (HELENA FURTADO, 2008).

Um pequeno trecho na fala de Juscelino Kubitschek, uma visita que veio a Escola Doméstica como Presidente da República, em 14 de janeiro de 1957, retrata bem uma educação diferenciada que trata o indivíduo como um ser cuidador.

Ao visitar, hoje, em companhia do governador Dinarte Mariz, a Escola Doméstica de Natal assaltou-me, logo, uma impressão de serenidade, equilíbrio e ordem na sua administração. O serviço que vem prestando à sociedade de Natal, recomendo-a ao apreço de todos os brasileiros, razão porque deixo aqui consignados os meus parabéns aos seus diretores (LIMA, 2004).

Temos na fala de HBF:

"A Escola foi tudo para mim, tornei-me uma boa profissional, exemplo para a minha família e através da escola consegui bons empregos para familiares. Deu-me oportunidade de fazer cursos fora para ampliar os meus conhecimentos nas matérias específicas do Curso de Economia Doméstica que na época representava para nós o curso de Nutrição, está aí o motivo no qual fui convidada pelo diretor do hospital Walfredo Gurgel para ser Nutricionista de lá. No convívio social a escola também se preocupava com suas alunas e professoras ensinando e dando oportunidade para que nós soubéssemos nos comportar e termos traquejo social. Esses ensinamentos, etiqueta social, nutrição, primeiros socorros, jardinagem, economia social, cozinha prática, cozinha teórica, corte costura, decoração, estes conhecimentos eram levados para a nossa

cidade e servíamos de exemplo colocando em prática tudo que tínhamos aprendido na escola, era motivo de orgulho para todos".

O processo de formação de HBF evoluía para um educar no sentir, pensar que produzirá a prática da integralidade e da integridade, da escuta e da ênfase no cuidar do ser, a partir de um fazer mais coerente com os pensamentos e sentimentos incubidos por um processo de formação no qual a Escola Doméstica deixou o seu legado.

"Educar para o sentir, pensar é educar no caminho do amor, da inteireza e da sabedoria. É educar o outro na justiça e na solidariedade. Educar para sentipensar é tentar formar a unicidade; é educar na biologia do amor, reconhecendo que a emoção é a base da razão" (MORAES, 2003).

4.2 ESTUDO DE CASO 2

Noilde Pessoa Ramalho (NPR), fundadora do colégio Henrique Castriciano e FARN, nasceu em Nova Cruz - RN, no dia 19 de julho de 1920. Ingressou na Escola Doméstica em 1936, no 2º ano do Curso Doméstico, diplomando-se em 17 de novembro de 1939.

A arte de viver da protagonista dessa história se reflete em diversos pontos em que a busca encontrada na sua história de vida se eterniza em diferentes momentos da sua existência, em que o saber viver emerge da análise e da compreensão do seu percurso de vida que tenta viver uma existencialidade plena e verdadeira. Assim, o seu caminho vai sendo traçado nos campos e nas flores do currículo da Escola Doméstica. Observamos alguns trechos na sua fala quando relata a sua escolha pela ED e como esta era vista pela sociedade da época.

"Há uma história familiar, todos os meus tios, irmãos de meu pai, as suas filhas passaram pela Escola. Algumas concluíram, outras deixaram a escola para casar-se e na minha casa não foi diferente. A escolha foi feita no âmbito familiar. A minha prima Alix era a Diretora na época e os meus pais me mandaram para a Escola que tinham o desejo que eu um dia fizesse parte daquela instituição de Educação; Como na minha casa eu sempre fui a escolhida para resolver determinadas coisas, foi mais um motivo para me mandarem estudar na Escola Doméstica por ter um ensino diferenciado dos demais colégios da Capital".

De acordo com Lima (2004), Noilde Ramalho narra a grande mudança que ocorreu na sua vida, quando saiu de Nova Cruz para Natal. Retrata bem a diferença dos dois mundos, a menina moça que deixa a sua pequenina cidade, os hábitos simples, o dia-a-dia ameno no seio da família, para ingressar em uma outra vivência, onde o regulamento rígido estabelecia uma rotina diária completamente diversa das experiências até então conhecidas.

Através das experiências, das interações, das trocas de signos, captamos o mundo externo, interagimos com ele, nos transformamos, nos modificamos e evoluímos, ou melhor, co-evoluímos. Tudo isto pela simples razão de estarmos vivendo (MORAES, 2003).

A Escola Doméstica possibilitava inúmeras sensações para a sociedade da época, fazendo da sua pedagogia uma interação com o desenvolvimento humano em um processo integrado que abrange todos os aspectos da vida humana.

"A Escola sempre conquistou um lugar de muito destaque na sociedade pela forma do seu programa apresentado que não se preocupava apenas com o ensino da parte científica, mas em educar, orientar e formar as suas alunas em cidadãs para que tivessem um lugar de destaque na sociedade e se tornassem multiplicadoras".

A criação da Escola Doméstica de Natal, em 1º de Setembro de 1914, constituiu em um evento de absoluto pioneirismo, haja vista que o ensino dedicado às mulheres, com ênfase no lar e na família, havia iniciado na Europa.

"A fim de melhor estruturar e consolidar suas idéias sobre educação doméstica, Henrique Castriciano viajou à Europa, no ano de 1909. Foi especialmente, para Suíça, país que estava na vanguarda do ensino doméstico, porquanto o próprio governo havia dedicado apoiar o movimento feminista que reivindicava essa ação valorizativa da mulher" (LIMA, 2004).

Noilde Ramalho entende que A Educação é uma questão de mudança e aperfeiçoamento, em que a mulher natalense ajuda a construir mulheres brasileiras, as forças da tradição sincronizadas a uma renovação permanente são diretrizes que outorgam à ED o prestígio e o alcance das metas institucionais (LIMA, 2004). NPR relata:

"Esta conquista só pode ser realizada porque logo que a Escola Doméstica foi criada foi feita uma campanha pelo interior do Estado com conferências apresentando o seu currículo e mostrando como seria o seu ensino. Com a influência de pessoas ilustres como: Dr. Severino Bezerra, Dr. Silvino, Dr. Varela Santiago, altos comerciantes, todos tinham uma história de serviços no Rio Grande do Norte de honestidade e trabalho, assim foi feita a vida e a história da Escola pegando pessoas de todos os seguimentos da sociedade".

De acordo com Josso (2004), a história emerge da capacidade do autor-biográfico em se conhecer como portador de buscas e, por isso, responsável do sentido da sua vida, nesta ordem de conhecimento, o ator-autor é convidado a explicitar as relações que manteve consigo mesmo e neste incessante vaivém entre os acontecimentos que criou, as contingências que pontuaram a temporalidade da sua vida, e as interpretações que, por um lado, reteve, e por outro as divulgou.

Assim, é Noilde Ramalho na sua trajetória de formação em que a sua aprendizagem, alguns aspectos foram retidos, no processo educacional da ED, outros foram dados às suas peregrinações, às suas divagações, às suas explorações, às suas submissões, aos seus compromissos, às suas fidelidades, às suas audácias, desvendando-se assim, nas suas buscas, os seus valores orientadores e, finalmente, no valor que dá à sua vida: valor que tem sentido aqui o sentido de uma vida que vale a pena ser vivida. Que fez da ED um compromisso com uma sociedade de formação e de transformação, em que o educar se eterniza pela capacidade de abraçar, de amar e de vivenciar com plenitude uma pedagogia vivencial e educacional, como ator e autor deste processo.

"Fui aluna de Dr. Varela Santiago e pela forma como ele dava as aulas me encantava muito com as aulas de puericultura e de economia do lar, mas fui escolhida para gerenciar botânica que na época não se chamava Nutrição e sim Alimentação, e nós alunas tínhamos de apresentar uma tese sobre qualquer uma das matérias ministradas no curso de Economia Doméstica. Apresentei sobre a influência dos alimentos na alimentação das pessoas, pena que esta tese não se encontra nos arquivos da Escola. Depois de formada fui convidado para vir ser professora do internato da Escola e na época ministrava aulas de cozinha teóricas e praticas. Dr. Varela Santiago para mim sempre foi um Professor por excelência. Todas tínhamos muito respeito por ele. Na época ele fez uma exposição de credence populares. Naquele ano a Nestlé tinha lançado e veio para Natal uma vaquinha que foi considerada uma atração pelos seus movimentos balançando a cabeça. Na época, a escola apresentava uma exposição muito bonita dos trabalhos feitos pelas alunas durante o ano, vestidos, cama, mesa e banho todos bordados a mão, arranjos florais, licores, bolos artísticos, artesanatos. A Escola era aberta ao público de Natal e esta exposição que era realizada em outubro ia coincidir com a exposição da Nestlé que Dr. Varela Santiago tinha

organizado, e como havia muitas alunas internas e a exposição tinha uma demanda muito grande de visitantes, Dr Varela Santiago ficou preocupado com as alunas do internato, o número de professoras internas era pequeno e não dava para dar cobertura a todas as internas. Eu fazia o último ano e como Dr. Varela Santiago confiava muito em mim me escalou para ser responsável pela exposição da Nestlé, para mim foi motivo de muito orgulho, foi como se eu tivesse tirado na mega sena. Foi o fato mais marcante como aluna da Escola" (NOILDE RAMALHO, 2008).

De acordo com Lima (2004), Noilde Ramalho coloca que foi motivo de exultação o convite de Varela Santiago expressando confiança na sua pessoa, para tomar conta de uma exposição na semana da criança, realizada na seção de Puericultura. Durante as aulas dessa disciplina foram preparadas sobre vários assuntos, entre eles: as crendices populares, alimentação artificial, onde havia propaganda do leite Nestlé.

Assim, partindo do sentido em que o homem é um ser de relação, em que o homem tende a captar uma realidade fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume uma postura de sujeito cognoscente, para conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade e a realidade de uma instituição na qual fez parte e se fez presente. Noilde Ramalho relata:

"A Escola sempre foi muito bem vista pelas pessoas e estudiosos como uma revolução no ensino, fugia totalmente de todos os padrões das escolas tradicionais de Natal, e criou no seu alunado uma forma diferente de ver o mundo, como até hoje permanece essa imagem. Nossas alunas se distinguem não só pela formação acadêmica mas também pela forma como elas vêem o mundo, como mulher, mãe, executiva, política. E com essa formação não só Rio Grande do Norte como todo este Brasil. Onde há uma ex. aluna existe a presença da Escola Doméstica pelo seu dinamismo e desenvoltura "Quando a Escola educa uma aluna está educando uma família " (NOILDE RAMALHO).

A prática da história de vida de Noilde Ramalho fornecem informações a cerca de uma reflexão renovadora da função de ter contribuído para vários processos de formação, e por ter sido protagonista de um processo de auto-formação como aluna dessa instituição e como diretora da mesma, como forma particular de uma nova ligação social.

"O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivava a si mesmo. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender" (FREIRE, 2005).

Noilde Ramalho retrata bem o valor de uma conquista, os valores de abraçar uma instituição que a fez amá-la, reconhecê-la e legitimá-la, como forma de justificar a sua própria humanidade, existência e legitimidade. Noilde Ramalho é confundida com a própria Escola Doméstica de Natal. Uma escola que vem estendendo-a a mão através de muitas conquistas consolidadas, fazendo-a acreditar que “ quem ama estende a mão. Quem estende a mão prepara-se para o abraço- e não se pode abraçar a quem não se ama” (MARIOTTI, 2000).

É diante dessa história de amor, mediante a qual aceitamos a legitimidade do outro, de uma instituição, de uma sociedade e da forma como construímos essa influência nos diversos saberes do Brasil e do RN, Noilde Ramalho define a Escola Doméstica em uma única frase:

“Eu defino com uma única frase. A ESCOLA É A RAZAO DA MINHA VIDA” (NOILDE RAMALHO, 2008).

5 CONCLUSÃO

A Escola Doméstica de Natal, desde sua fundação tinha dentro de suas propostas educacionais a alimentação e nutrição como parte fundamental para a educação e a saúde de suas alunas, a partir da produção dos alimentos, ensinando a prepará-las e a maneira correta de servir e como se servir.

As ex-alunas, Helena Furtado e Noilde Ramalho, relataram a importância da experiência adquirida através dos curso de economia doméstica, onde puderam trazer para a prática vivenciada no dia-a-dia as lições aprendidas durante o seu curso, que tanto facilitou nas suas vidas profissionais sociais e familiares.

A pesquisa confirma que a Escola Doméstica sempre esteve à frente dos padrões convencionais da educação formal de sua época.

Conclui-se neste estudo que a Escola Doméstica de Natal representa não só para o Rio Grande do Norte, mas para todo o Brasil, uma educação diferenciada, preparando as suas alunas para o mercado de trabalho, seja este no campo universitário, político, empresarial, profissional liberal e no lar.

Onde há uma ex-aluna existe a presença da Escola Doméstica pelo seu dinamismo e desenvoltura.

Quando se educa uma mulher, educa-se uma Família.

BARROS, Eulália Duarte. Uma escola Suíça nos trópicos. Natal: offset, 2000. 304p.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e os métodos. Porto: Porto, 1994. 336p.

CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diaz. Antropologia e nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

CASCUDO, Luis da Câmara. História da alimentação no Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 1983.

CASCUDO, Luis da Câmara. Revista Século, Natal, Ano II n. 3, dez. 1998.

CASOTTI, Láticia. À mesa com a família: Um estudo do comportamento do consumidor de alimentos- Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2002.

REFERÊNCIAS

A Escola Doméstica. Natal, 1, n.1, set. 1998.

ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Unesp, 1998.

AREIAS, Deise Tavares. **A fundação da Escola Doméstica de Natal: um modelo diferenciado de educação feminina**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2002.

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**. 3 ed. São Paulo: Unimep, 2001.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 8 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança**. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BARROS, Eulália Duarte. **Uma escola Suíça nos trópicos**. Natal: offset, 2000, 304p.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e os métodos**. Porto: Porto, 1994. 336p

CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro; FIOCRUZ, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Revista Século**, Natal, Ano II n. 3, dez. 1998.

CASOTTI, Leticia. **À mesa com a família: Um estudo do comportamento do consumidor de alimentos**- Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2002.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

Escola Doméstica de Natal. Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. Natal, 1945.a

Escola Doméstica de Natal. Edição Comemorativa aos 80 anos da Escola Doméstica de Natal. **Revista Literária**, Natal, set. 1994.b

ENGEL, M. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORI, M. (org) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 332.

FERRAROTTI, Franco. **Sociologia**. Lisboa: Teorema, 1986.

FISBERG, Mauro; WEHBA, Jamal; COZZOLINO, Sílvia M. Franciscato. **Um, dois, feijão com arroz**: a alimentação no Brasil de Norte a Sul. São Paulo: Atheneu, 2002.

FREIRE¹, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE², Paulo. **Educação e mudança**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

GARCIA, W. **Educação**: visão teórica e prática pedagógica. Mcgraw Hill, 1975.

GOMES, A. L. **Auta de Souza**: Representações culturais e imaginação poética. Tese de doutorado. Programa de estudos Pós-graduados em Ciências Sociais. Pontifica Universidade Católica. São Paulo, 2000

GOES, Maria da Conceição de. A Escola Doméstica de Natal: O Caminho para sair da Camarinha. **Revista Literária**: Edição Comemorativa aos 80 anos da Escola Doméstica de Natal. Natal, set. 1994.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004, 285p.

CASTRICIANO, Henrique. **Jornal A República**, Natal, jun. 1911.

LIMA, Diógenes da Cunha. A Universidade da Mulher. Folhas de Relva. **Revista da Escola Doméstica de Natal**, Natal, ano I, n.1, set. 1998.

LIMA, Daladier Pessoa Cunha. **Noilde Ramalho: Uma História de amor à Natal. 1. Educação**. Natal: Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, 2004, p.525.

LOPES, Onofre da Silva. Boletim comemorativo do cinquentenário da Escola Doméstica de Natal. Natal: Imprensa Universitária. 1964.

MACIEL, M. E. **Cultura e alimentação, ou o que tem haver os macaquinhos de de Koshima com Brillat-Savarin?** Horizontes antropológicos, 2002.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego**. 2 ed. São Paulo: Palas Athena, 2000, p. 350.

MEKSENAS, P. **Sociologia da educação**: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo, Loyola, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em Saúde. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004. 269p.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 293p.

MOTTA, D. G. e FABER BOOG, M. C; **Alimentação natural**. São Paulo, Ibrasa, 1988.

PINTO, Lucia Vera. **A última ceia por uma diet (ética) polifônica**. Natal. Sebo vermelho, 1990.

POULAIN, Jean Pierre, **Os jovens seniors e sua alimentação**. Paris: Puf, 1998

POULAIN J.-P.; TIBÈRE, L. **Mondialisation, métissage et créolisation alimentaire**: de l'intérêt du laboration reunionnais. *Bastidiana*, n. 31-32, p. 225-241, 2000

Século: Atualidade e Cultura. Cascudo Cascudinho cascudão. Natal: Fundação Cultural Padre João Maria, n.3, 1998.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Maria das Graças de. **A Escola Doméstica**, Edição Fac-Similar, Natal, .1, n. 1, set. 1998.

QUESTIONÁRIO

Porque sua escolha pela Escola Doméstica de Natal? Como a Escola Doméstica era vista na sociedade?

APÊNDICES

Quando aluna da Escola Doméstica qual a disciplina que mais se identificou? porque?

Qual o momento mais marcante durante a sua vida como aluna da Escola Doméstica?

Na sua opinião, qual o legado que a Escola Doméstica deixou para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte?

Como a Escola Doméstica influenciou na sua vida familiar, profissional e no convívio social?

QUESTIONÁRIO

Porque sua escolha pela Escola Doméstica de Natal? Como a Escola Doméstica era vista na sociedade?

Cardápio 1

Quando aluna da Escola Doméstica qual a disciplina que mais se identificou? porque?

Soupes aux oignons et au fromage

Qual o momento mais marcante durante a sua vida como aluna da Escola Doméstica? et pommes de terre rissolées

Na sua opinião, qual o legado que a Escola Doméstica deixou para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte?

Como a Escola Doméstica influenciou na sua vida familiar, profissional e no convívio social?

ANEXO A

CARDÁPIO DE 1916 *Cardápio para os dias festivos (1943)*

Cardápio 1

Aluna: Clara Soares (9.12.1916)

Miscelâneas de omeletes

Soupes aux oignon et au fromage

Viande et quiabo au sause

Rotis du porc et pommes de terre rissoles

Medalarias

Apesar do cardápio ser em francês, o modo de executá-lo é todo em português.

ANEXO B

ANEXO C

Cardápio para os dias festivos (1943)

Pimentão recheado

Miscelânea de omeletes

Pudim de legumes

Arroz

Sobremesa

Madalenas

 $40 \text{ kcal} \times 50 \text{ k} = 2000 \text{ calorias}$

Proteínas:

 $2000 \times 15\%$
 $\frac{\quad}{100} = 300,00$
 $\frac{300}{100} = 300 \text{ kcal dividido } 4 = 75 \text{ gramas}$
Glicídios: $2000 \times 65\%$
 $\frac{\quad}{100} = 1.300,00$
 $\frac{1.300}{100} = 1.300 \text{ kcal dividido } 4 = 325 \text{ g.}$
Lípidios: $2.000 \times 20 = 40.000 = 400 \text{ kcal de } 9 = 44 \text{ g.}$
 $\frac{100}{100} \quad \frac{100}{100}$

Total de Calorias 300 de proteínas

1.300 de glicose

400 de lípidios

Total 2.000 Calorias

ANEXO D

ANEXO C

FOTOGRAFIAS

Exemplo cálculos para uma ração alimentar elaborados em 1943, pela professora Helena Bezerra Furtado .

"Calculávamos a ração alimentar tomando-se por base o peso e as calorias de acordo com o trabalho que o individuo desempenhava ".

Ex. uma pessoa com trabalho moderado deveria receber 40 calorias por quilo de peso, pesando os mesmo 50 k. calculava-se da seguinte forma

$$40\text{kcal} \times 50 \text{ k.} = 2000 \text{ calorias}$$

Protídeos:

$$2000 \times 15\%$$

$$\frac{\quad}{100} = 300.00$$

$$\frac{300}{100} = 300 \text{ kcal dividido } 4 = 75 \text{ gramas}$$

$$\text{Glicídios: } 2000 \times 65 \%$$

$$\frac{\quad}{100} = 1.300 .00$$

$$\frac{1.300}{100} = 1.300 \text{ kcal odivi } 4 = 325\text{g.}$$

$$\text{Lipídios: } 2.000 \times 20 = 40.000 = 400 \text{ kcal de } 9 = 44 \text{ g.}$$

$$\frac{\quad}{100} \quad \frac{\quad}{100}$$

Total de Calorias 300 de proteínas

1.300 de glicose

400 de lipídios

Total 2.000 Calorias

Fachada da Escola Doméstica de Natal em 1914.

ANEXO D

FOTOGRAFIAS



Henrique Castriciano, fundador da Escola Doméstica de Natal.



Fachada da Escola Doméstica de Natal em 1914.



Fachada atual da Escola Doméstica de Natal



1922 – A diretora Miss Leonora James e as professoras estrangeiras: 1. Miss Helen Gearing, 2. Miss Henrieta Davis, 3. Miss Alice Rivers, 4. Miss Stela Minor, 5. Miss Rose James 6. Miss Lucille Groper

As condições de alimentação e nutrição, nos dias de hoje.



Noilde Pessoa Ramalho, fundadora do colégio Henrique Castriçiano e FARN



As professoras Hélène Bondoc e Jane Negulesco preparam os canteiros para as aulas de horticultura e jardinagem em setembro de 1914.



Aula prática de alimentação e nutrição, nos dias de hoje.